



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



S. D. VITALIS DE OLIVEIRA

ANO 8 NOVEMBRO 87 NUMERO 95

Escrevem os leitores

"...Uma das coisas que ainda me agrada nesse mundo em que vivemos é saber que apesar dos pesares ainda existe essa equipe de homens que lutam pela paz e se preocupam pela salvação humana, graças a Deus ainda existe esse tipo de pessoas no nosso meio...rezo todos os dias para que Nossa Senhora ilumine cocês para que continuem desbravando corãções endurecidos, que sã se preocupam com coisas materiais deixando de lado todos os ensinamentos de Jesus...Que Nossa Maezinha do Céu nos ilumine para que nunca cansemos e que a nossa Fé cresça sempre..."

MARIA WILDA MARTINS
CAJAZEIROS - PB

"...Este seu jornal serviu para orientar o meu caminho...Quando comento sobre os assuntos contidos nesse jornal, as pessoas ficam interessadas. Algumas querem recebê-lo também. Por isso tomei a liberdade de mandar o endereço de um amigo meu..."

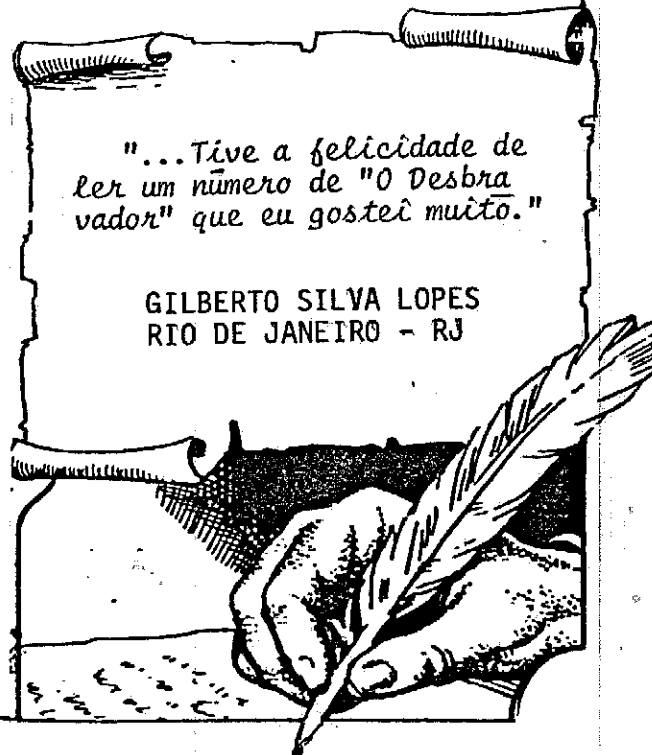
LUIZ MARICATO FILHO
ITAPETININGA - SP

"...Faz dez anos que moro neste endereço, e, ao longo deste tempo, recebi, em nome do antigo morador, o referido jornal. Por este motivo a pesquisa se faz necessária..."

GICELE FISCH
PORTO ALEGRE - RS

"...Tive a felicidade de ler um número de "O Desbravador" que eu gostei muito."

GILBERTO SILVA LOPES
RIO DE JANEIRO - RJ



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GREMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATOS
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
LAURINDO GONÇALVES
ALYSSON LUIS DO CARMO
VICENTE WALTIER S. MACHADO

EXPEDIÇÃO

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
ROMILSON CHAVES SILVA
ROBERTO MANGINI
WALADYER NERI S. MACHADO
LUIS AKIO YASUTAKE
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
EDVAN RODRIGUES DOS SANTOS

CORRESPONDENCIA

CAIXA POSTAL 6416
01051 SÃO PAULO - SP

EDITORIAL

Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira é um dos maiores nomes do Brasil católico e ao mesmo tempo um dos mais desconhecidos.

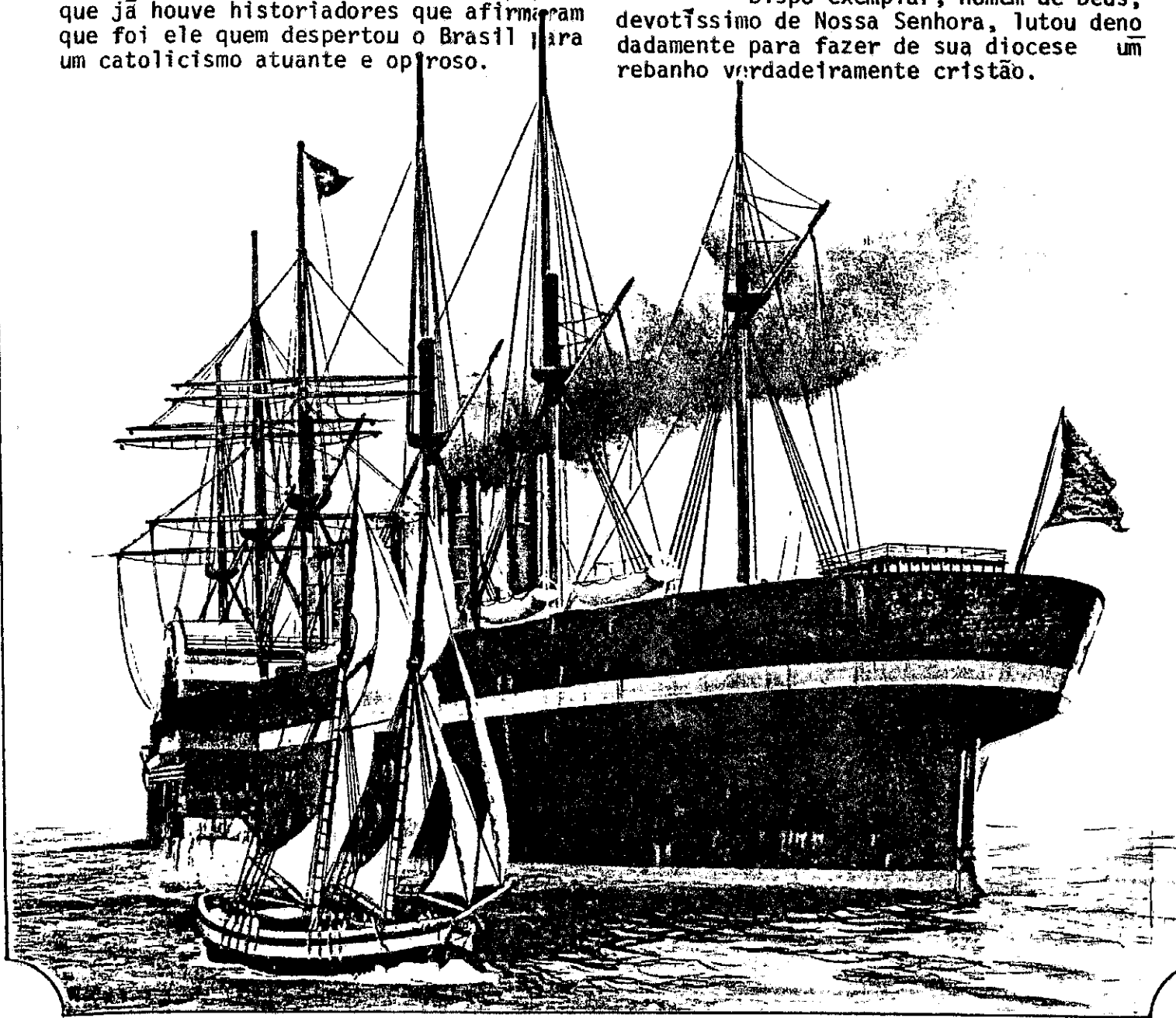
Em função disto, resolvemos prestar a ele a homenagem de um número de "O Desbravador", para que ao menos os nossos leitores o conheçam e saibam como foi a sua vida, a sua luta e a sua morte. Tudo para dar glória a Deus e por amor à Santa Igreja.

Foi tão assombrosa sua epopéia que já houve historiadores que afirmaram que foi ele quem despertou o Brasil para um catolicismo atuante e oporoso.

Morreu moço, com apenas 33 anos, suportando sofrimentos atrozes. Existe atualmente processo de beatificação do grande Bispo e esperamos que breve Nossa Senhora nos conceda a graça de tê-lo como santo canonizado.

Sua personalidade pode ser resumida pela frase que dele falou um seu biógrafo, após sua morte: "Viveu como um justo, combateu como um herói, morreu como um santo".

Bispo exemplar, homem de Deus, devotíssimo de Nossa Senhora, lutou denodadamente para fazer de sua diocese um rebanho verdadeiramente cristão.



"AQUELES QUE AMAM A DEUS, TODAS AS COISAS O AJUDAM PARA O BEM" (SANTO AGOSTINHO)



"... nunca até hoje se viu a Igreja exposta a uma perseguição que se desen- cadeasse em regiões do mundo inteiro e que im- buída de uma mesma idên- tica mentalidade mobili- zasse, visando a sua ruí- na, as armas do poder, das leis públicas, da frau- de, do sofisma, da calú- nia e do ridículo."

(Pio IX)

O SEC. XIX E O PAPA PIO IX

A perseguição que a maçonaria do Brasil organizou contra a Igreja no século passado não pode ser entendida claramente sem se examinar ao mesmo tempo o seu contexto mundial. As palavras de Pio IX que citamos em epígrafe mostra que a "questão religiosa" brasileira foi apenas um aspecto de uma luta muito mais ampla que se estendeu por todo o mundo:

No México, perseguições ao catolicismo, confisco dos bens da Igreja, saque dos conventos, des- terro dos Bispos.

No Equador, expulsão dos pa- dres jesuitas, e toda febre anti- clerical que culminou com o as- sassinato do grande presidente católico Garcia Moreno.

Na Espanha, o sectarismo an- ticatólico da revolução de 1868, atizada pela maçonaria.

Na França, o furor sanguiná- rio da Comuna de Paris em 1871.

Na Austria, o josefismo que foi uma forma de galicanismo.

Na Alemanha, a kulturkampf, perseguição odienta a toda influ- ência católica.

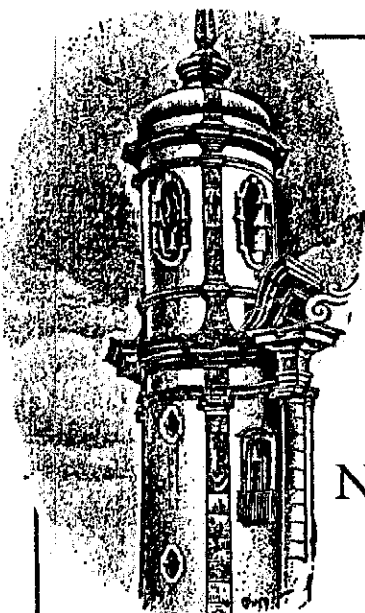
Na Itália, a famigerada Uni- ficação, que aboliu as ordens re- ligiosas, perseguiu de todas as

formas a Igreja e terminou por invadir Roma em 1878.

Uma labareda de ódio por to- do o mundo visando destruir a I- greja. Houve então um homem en- viado por Deus chamado João. João Maria Mastai Ferreti de Senigal- lia, Pio IX, sucessor de São Pe- dro, Príncipe dos Apóstolos, Ti- moneiro da Igreja, Pastor infalí- vel, inspirado por Deus.

Houve um Papa que não se a- balou e não transigiu diante das opiniões e mentiras do século. Houve um Mestre que em pleno fu- ror do racionalismo proclamou a Imaculada Conceição, e sob a maior tempestade anticlerical da histó- ria, ousou definir a Infalibili- dade; houve um pastor que não se dobrou diante do "moderno" e ful- minou com a excomunhão todos os erros da época, no Syllabus, um dos mais sublimes documentos de todos os tempos. Houve um homem enviado por Deus chamado Pio.

E a luz do papado fez nas- cer no solo da Igreja uma multi- dão de santos. E no Brasil nas- ceu Dom Vital. Que foi grande por ser filho de Pio IX. Que foi gran- de por ser católico. Que foi gran- de por ser fiel a Deus.



O BRASIL E A IGREJA NO SEGUNDO IMPERIO

Durante toda a Colônia e o Império, a Igreja brasileira esteve envolvida com uma dura realidade chamada regalismo. Por esse sistema os reis possuíam uma ampla intervenção em todos os assuntos eclesiásticos, e às vezes essa intervenção era tão absurda que a Igreja nem mesmo podia governar a si mesma. Pelo regalismo, entre outras coisas, os bispos não poderiam executar as ordens recebidas do Papa sem prévia licença do Imperador.

E porque a Igreja do Brasil se sujeitou por tantos anos a esse absurdo "controle estatal"? Em parte, por boa fé. Em parte por atonia. Em parte por comodismo.

Por boa fé, porque em si a união entre a Igreja e o Estado é legítima. Mais que legítima, é o mais perfeito, porque a sociedade enquanto tal deve dar glória a Deus. Mas essa união, existente durante toda a Idade Média, pode se tornar um perigo quando os governadores, levados pela infidelidade ou pela ambição, passam a querer dominar a Igreja de Deus. Foi exatamente isso que aconteceu no Brasil: seguindo a onda anticlerical e racionalista que veio da Revolução Francesa, grande parte dos governantes brasileiros eram anticlericais e maçons. A maçonaria havia se infil-

trado em um sem-número de ordens e irmandades religiosas. Os dogmas e os costumes eram atacados. Debochava-se das procissões e das imagens. Grande parte do clero, aderindo às "novidades da época" vivia na maior devassidão.

Havia os padres e leigos "fiéis"... Que sabiam ser aquele estado de coisas errado e desejavam uma mudança. Mas entre o dizer e o fazer... Havia uma enorme, imensa preguiça. E havia um enorme e imenso comodismo, pois era o governo quem sustentava o clero... Combater o sistema corrupto era arriscar-se a ficar sem o dinheiro recebido regularmente e depender dessa Providência, interessante apenas para citar em belos sermões, mas não para levar a sério.

A voz de Pio IX foi uma clarinada em meio a essa atonia. Era preciso ser coerente. Era preciso ser católico. Era preciso agir. Bispos e padres formados em Roma no verdadeiro espírito da Santa Igreja foram espalhados pelo Brasil. Fundaram-se verdadeiros seminários onde os jovens eram formados na doutrina católica e não no racionalismo. Combateu-se a corrupção do clero: padres devassos eram suspensos de ordem, padres heréticos eram proibidos de ensinar.

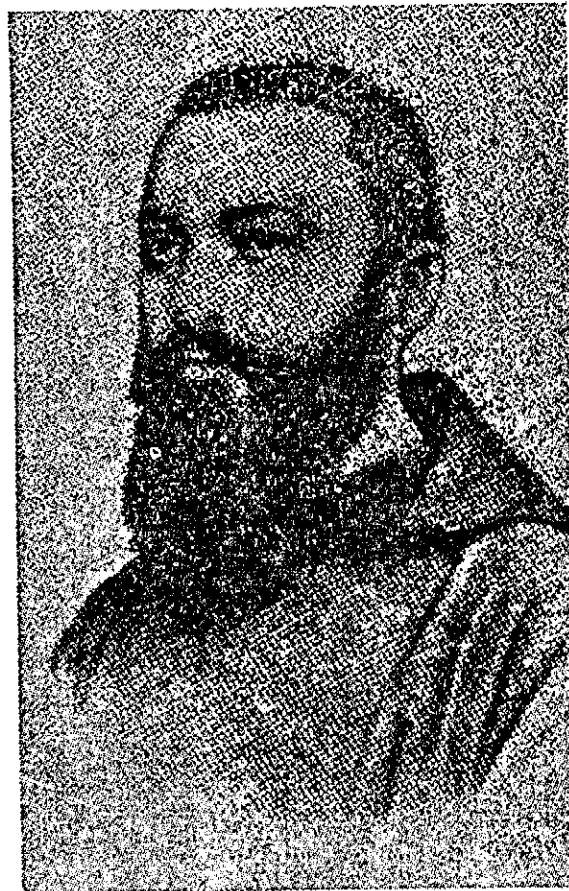
A reação maçônica foi imediata. Haviam pisado o rabo do demônio, é claro que ele iria gritar. A imprensa se encheu de insultos aos novos bispos, "ultramontanos", "jesuítas", "fanáticos", "radicais", "atrasados", etc. Em São Paulo fundou-se um jornal "O Amigo da Religião"! - cuja única finalidade era atacar o bispo Dom Antonio Joaquim de Melo e o Seminário Episcopal... O mesmo seminário onde lecionava um jovem professor recém formado, o frade capuchinho frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

DOM VITAL

Frei Vital nasceu a 27 de novembro de 1844 no engenho "Aurora", atual município de Pedras de Fogo em Pernambuco. Era primogênito de seis filhos e recebeu no batismo o nome de seu pai, Antônio. Com 16 anos entrou no seminário de Olinda, transferindo-se depois para o de São Sulpício, na França. Terminado o curso de filosofia é admitido com dificuldade no noviciado capuchinho de Versalhes. Recebe o Hábito de São Francisco e adota o nome de Vital Maria, em homenagem a Nossa Senhora e a um padre capuchinho que havia sido recentemente martirizado no Marrocos.

Seu noviciado foi particularmente difícil, entrecortado por crises de doença que o levaram à beira do túmulo, e por intransigências de superiores que o levaram às portas do céu. Ao fazer a sua profissão o padre-mestre lhe disse que em virtude de sua fraqueza ele "nunca iria prestar para coisa alguma, pois não poderia ser sacerdote, e teria muito que sofrer"...

Apesar da previsão do mestre de noviços, Frei Vital se ordenou sacerdote em agosto de 1868. Mas seu estado de saúde era tão fraco que dois meses depois foi enviado ao Brasil para se recuperar. Seu destino era o seminário de São Paulo onde deveria ser professor. Mas sua fraqueza o deteve alguns meses em Pernambuco, outro mês em Maceió, e ainda outro no Rio... Quando finalmente chegou em São Paulo seu estado era tal que os padres do seminário escreveram a França perguntando se lhe haviam enviado "um auxiliar ou um moribundo"...



Mas logo o "moribundo" se recuperou e começou a pregar. E os paulistas puderam então perceber que novos ventos sopravam sobre a Santa Igreja. Quem lhes falava - e era um brasileiro, sem o sotaque dos capuchinhos italianos que o haviam precedido, - quem lhes falava realmente vivia aqui lo que ensinava. Seus sermões não eram obras de retórica, mas dardos de fogo que penetravam no fundo da alma e a fazia tremer, e a fazia rezar... A maçonaria, os maus padres, os túbios, os empedernidos, começaram a se sentir incomodados. Logo, logo, esse in cômodo cresceria muito mais.



"A Frei Vital Maria de Pernambuco:

Sua Majestade, o Imperador, tendo em vista as virtudes e os méritos re-unidos na pessoa de V.S., decidimos, por decreto do 21 do corrente, nomear-vos bispo da diocese de Olinda, vaga pela Morte de D. Francisco Cardoso Aires,

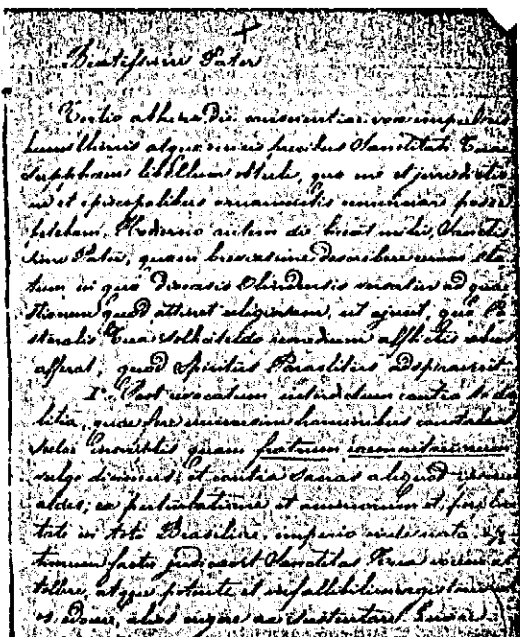
Fazendo-vos essa comunicação esperamos uma pronta resposta(...) Deus guarde a V.S.

BISPO DE OLINDA

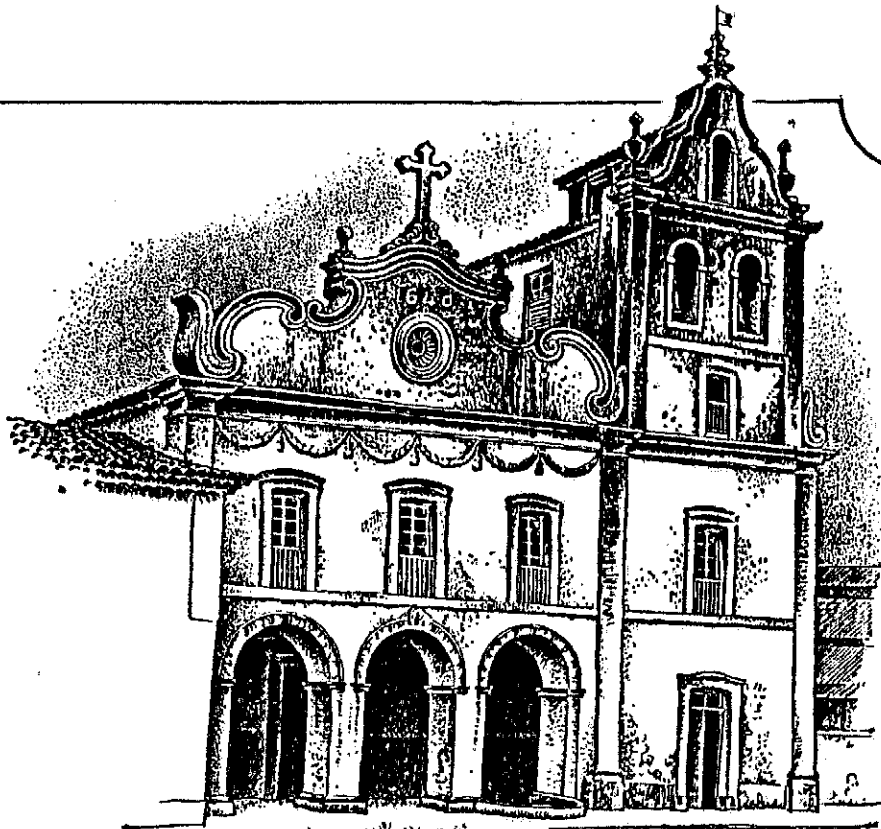
O papel tremia nas mãos do jovem professor, que não cabia em si de assombro. Ele, que se julgava completamente desconhecido, recebendo uma carta do Imperador! Ele, com 27 anos de idade, e menos de 3 de sacerdócio, nomeado bispo! E nem mesmo a idade canônica necessária, de 30 anos ele possuía! O que estaria acontecendo?

Ainda não estão esclarecidos os motivos que levaram D. Pedro II a pedir ao Papa a nomeação de D. Vital. Parece que o Imperador há tempos desejava mostrar sua gratidão aos Padres ca-

puchinhos, pelos muitos serviços prestados ao Brasil. Mas era impossível nomear um bispo da ordem, por serem todos estrangeiros. Agora, surgia o jovem D. Vital, brasileiro e pernambucano. Pernambucano também era o ministro do Interior, João Alfredo Corrêa de Oliveira, que assinava a carta... É bem possível que essa circunstância tenha ajudado um pouco. De qualquer forma, D. Vital estava pasmo. Depois de uma consulta a seus superiores, escreveu ao Papa, revelando o íntimo de sua alma:



Fac-simile de uma carta do Servo de Deus ao Papa Pio IX.



"Amado Filho.

"... meu Pai, se for possível, afaste de mim esse cálice! Atendei, Santíssimo Padre, à súplica do último de vossos filhos. Todavia, seja feito somente o que vós quereis. Como uma criança que vai ao pai, assim eu me abandono integralmente aos cuidados maternos da Divina Providência, pois eu sei e creio que vós sois seu representante na terra e eu vo-lo digo com fé sincera: somente a sua vontade seja feita, e não a minha".

Realmente, devido à pouca idade de D. Vital, Pio IX estava em dúvida se o deveria fazer bispo. Mas ao receber os informes sobre o jovem sacerdote, e principalmente ao ler sua carta, o Papa se convenceu. As almas semelhantes se conhecem de longe. E ali, através dos oceanos, Pio IX encontrara uma alma igual à sua. E lhe escreve ordenando que aceite a nomeação:

(...) Os sentimentos manifestados em sua carta (...) firmemente nos persuadem de que, se bem que não tenhas ainda idade madura para o gravíssimo cargo episcopal, és realmente a ele chamado por Deus. O conceito humilde que de ti formas, o medo (...), o cuidado (...), prometem que te hão de obter largamente os auxílios do céu. A declaração que fazes de teu afeto e obediência (...) mostra que tu (...) hás de (...) defender a causa de Deus e nada omitir que possa dizer respeito à salvação e proveito do rebanho a ti confiado. Por isso (...) deixa de parte toda apreensão e confiando só em Deus, começa a boa obra de que vais ser encarregado (...)"

Assim fala um Papa. D. Vital curvou os joelhos, sagrou-se bispo e tomou a sua cruz. Assim age um católico.

A LUTA

"A maçonaria me recebeu
de lança em riste"
(D. Vital)

O demônio também sabe conhecer as almas. Prova disso é o folheto "O Ponto negro" que começou a circular imediatamente depois da nomeação de D. Vital. Nessa obra se fazia a mais descarada defesa da maçonaria, e se enxovalhavam o Episcopado e a Santa Sé. Há também uma lista dos bispos "mais inimigos" da seita maçônica... e entre eles se menciona D. Vital! Ele, que ainda nem mesmo tinha ido para sua diocese, já é atacado por ser "jesuíta ultramontano, homem perigoso, contra quem é preciso precaver e pôr de sobreaviso o rebanho pernambucano"!

... E o pastor foi ao encontro de seu rebanho, sabendo já que os lobos estavam de emboscada, prontos para o devorar.

D. Vital desembarcou em Recife no dia 22 de maio de 1872. Exatamente dez dias depois surgia na cidade o Jornal "A Família Universal", com o subtítulo "Órgão da maçonaria". Daí para a frente, "todas as semanas saíam colunas de ataques às coisas e verdades sagradas. O sarcasmo e as injúrias feriam continuamente os fiéis e o Pastor".

A 27 de junho, os maçons anunciaram de público que iriam mandar celebrar uma missa na Igreja de S. Pedro, comemorando o aniversário de uma "loja". Uma ordem secreta de D. Vital impediu o sacrilégio, mas seguiram-se enxames de insultos, provocações e calúnias pessoais. A tudo isso, durante cinco meses, D. Vital respondeu com o mais soberano silêncio.



Mas no mês de outubro, o jornal maçônico "A verdade" publica uma série de artigos contra a Santíssima Eucaristia, a Virgindade Perpétua, a Maternidade Divina e a Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Para maior provocação, os maçons nomeiam o autor dos artigos presidente da Irmandade de Soledade, a dois passos do Palácio Episcopal.

Haviam tocado no ponto sensível. Diante do insulto direto à Sagrada Eucaristia e à Mãe de Deus, o católico, o verdadeiro católico não pode se calar. E D. Vital publicou um enérgico protesto, ordenando por toda diocese cerimônias públicas de desagravo. Ao mesmo tempo exorta os padres a que ataquem as falsas doutrinas, rezando e fazendo rezar por aqueles que as espalham. No dia 27 de novembro, aproveitando as homenagens que lhe fazia o povo pela passagem do seu aniversário (28 anos!), pronuncia um magnífico sermão na catedral, atacando as mentiras da Re

volução Francesa, e proclamando sua fidelidade ao Papa e à Santa Igreja. Dias antes havia publica do uma "Carta Pastoral contra as doutrinas heréticas da maçonaria".

Os maçons, em tom de escárnio, publicam os nomes dos padres e cônegos ligados à seita, desafiando D.Vital a os punir. O bispo chamou esses padres uma um e os exortou a abandonar a maçonaria, prometendo o seu perdão e o seu auxílio. Todos, menos dois, ouviram os conselhos de D. Vital e publicaram nos jornais católicos sua abjuração.

A maçonaria não desistiu. Em revide, publicou agora os nomes dos maçons presidentes, secretários e tesoureiros das Irmandades religiosas leigas. Da mesma forma e com a mesma mansidão. D. Vital mandou chamar tais pessoas, mostrando-lhes a oposição entre a maçonaria e a Igreja, e pedindo-lhes uma atitude coerente.

Mas dessa vez o bispo não foi tão feliz. Algumas irmandades o obedeceram, mas outras responderam com zombarias e insultos. D.Vital tentou ainda a intercessão de amigos e parentes dos implicados, mas em vão. Diante disso, não havia alternativa: enviou oficialmente três avisos canônicos pedindo aos maçons que, ou abjurassem da maçonaria, ou se demitissem da Irmandade religiosa. A resposta foi novamente negativa.

Esgotados todos os recursos da mansidão, da paciência e da lei, D. Vital agiu, lançando um interdito sobre as capelas das Irmandades de S. Antonio e do Espírito Santo declarando que nelas não mais se poderiam celebrar cerimônias religiosas oficiais das Irmandades enquanto nelas houvesse dirigentes maçons. O assunto era portanto pura e simplesmente espiritual: D.Vital não fizera nada que, pelas próprias leis do Império, um bispo não pu



desse fazer. Sua atitude recebeu a aprovação do clero de todo o Brasil, e das autoridades jurídicas pernambucanas. O povo fiel acorria em multidões para receber sua bênção e beijar-lhe o anel. Até os jornais protestantes do Rio de Janeiro e de Nova York lhe deram razão.

Mas o mal não quer ouvir razões. Seu único argumento para perseguir o bem é o fato de o bem existir, e existindo, ser um reflexo de Deus. Se Caifaz e Pilatos fossem ouvir razões, não crucificariam Jesus. Quando se trata de perseguir o bem, ninguém é mais irracional que um racionalista, ninguém é mais tirânico que um liberal.

Os membros do Conselho de Estado do Império Brasileiro eram todos cidadãos racionalistas e liberais. Assim, decidiram que D.Vital deveria ser destruído. Mandaram dizer às Irmandades religiosas interditas que imentrassem um recurso à Coroa, que "pessoas amigas" o iriam bem acolher. De acordo com a Constituição do Império o recurso era inteiramente ilegal. Mas, e daí? O recurso foi feito, e bem acolhido pelas "autoridades imparciais".

Os Membros do Conselho de Estado do Império mandou a D.Vital a ordem de levantar o interdito no prazo de um mês, sob pena de ser processado.

A resposta de D.Vital foi sublime:

"(...) Desde o começo do cristianismo os apóstolos tiveram proibição de pregar o Evangelho, mas responderam que é dever obedecer a Deus mais que aos homens (...).

O que pretende o Governo Imperial? Espera ele (...) que um Bispo católico renegue a sua fé (...) para aceitar o oráculo do Conselho de Estado? Espera ele (...) que um Bispo católico, a despeito da formal decisão da Santa Sé que declarou a Maçonaria uma sociedade inteiramente má e inteiramente oposta à Religião Católica, acredite que ela seja uma sociedade totalmente conforme à mesma Religião Santa?

Não, Exmo. Sr., mil vezes não! Isto seria uma verdadeira e vergonhosa apostasia.

A maçonaria poderá ter o prazer de insultar e injuriar os Bispos do Brasil (...) mas não terá já mais, firmemente em Deus confio, a satisfação de ver um Bispo Católico cair de joelhos em terra e adorá-la...

Um bispo com o Evangelho na mão e observando os preceitos do Divino Mestre, pode ser morto, mas não vencido! (...).

Em conclusão: tenho o mais vivo pesar de não poder levantar a pena de interdição que lancei."

E acrescentava uma coincidência que ocorrera, e que não podia deixar de ser providencial:

Tenho em uma mão o aviso de V.Excia por cujo intermédio (...) o Imperador me diz: erraste, retrocede. E na outra o autógrafo do imortal Vigário da Infinita Majestade dos Céus e da Terra, por meio do qual o Juiz incorruptível de nossas almas me diz: estás certo, continua.

A vontade de Deus (...) é que eu prossiga no desempenho de minha augusta missão, (...) Não posso dizer ao ilustre e bondoso Governo de Sua Majestade o Imperador senão que: "Deve-se obedecer mais a Deus que os homens".



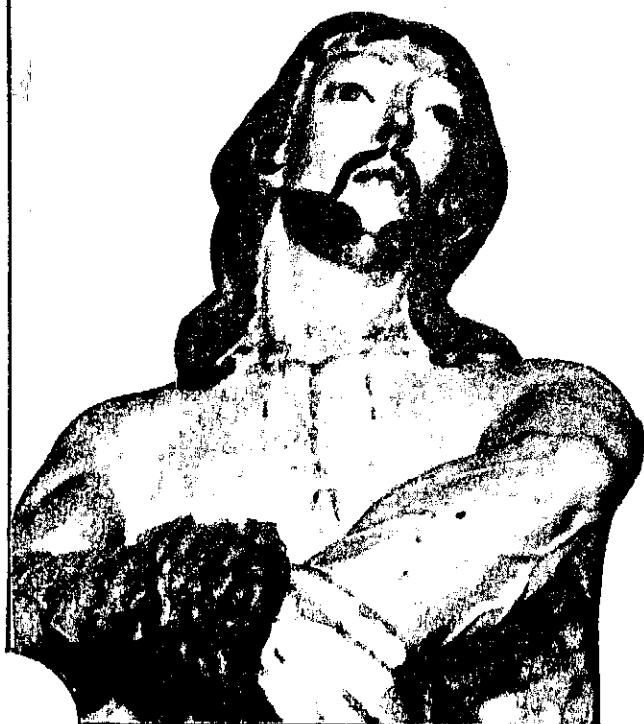
o Bispo de Olinda pune Monsenhor Pinto de Campos, que celebra o casamento de um maçom.

CARICATURA DA ÉPOCA

Que ousadia! Então, esse bispo fanático achava que era preciso obedecer mais a Deus que os homens... e homens do Conselho do Estado! Incrível! As "lojas" feriam diante da blasfêmia. Uma turba foi logo contratada para a "reparação": A igreja dos jesuítas foi invadida e saqueada: "Quebraram o púlpito, os confessionários, os painéis, os quadros, até uma imagem, uma imagem da Santíssima Virgem, que lançaram ao chão, espancando e ferindo os fiéis, pisando e mutilando tudo, e furtando os objetos preciosos". Empastelaram a tipografia dos jornais "O Católico" e "A União", favoráveis ao bispo; agrediram os padres jesuítas, apunhalando um que estava acamado e que logo depois morreu. A vinte passos do colégio havia um quartel... mas a ordem era fecharem os olhos!

A turba ululante seguiu depois para o palácio do bispo, gritando injúrias contra D.Vital e contra a Religião.

Anoitecia. Quando a população se acercou do Palácio da Solidade, viu que todas as portas e janelas estavam abertas, e todas as luzes acesas. E na escadaria



principal e mais visível, paramentado, com mitra e báculo, estava a figura hierática e majestosa de um Bispo da Santa Igreja.

Silenciosa e sem tocar nem mesmo nas grades do Palácio, a turba se dispersou.

A maçonaria, através do governo, tomou a seguir duas atitudes diversas: publicamente ordenou que D.Vital fosse preso e levado ao Rio de Janeiro. Em segredo, enviou um representante à Santa Sé, "para negociar a paz".

D.Vital recebeu as pessoas encarregadas de o prender na Capela do Palácio, com paramentos de grande gala. Em meio à multidão que o aclamava, foi conduzido ao Arsenal da marinha, onde recebeu as homenagens da elite da cidade, e onde vinha maçons se ajoelharem a seus pés, abjurando da seita.

A viagem foi um triunfo. Em Salvador, os católicos alugaram três vapores enfeitados, para escoltar o navio que conduzia D.Vital. O Arcebispo-Primaz da Bahia lhe veio prestar homenagem, e a multidão encheu cais para o aclamar. Diante disso os maçons ordenaram sua transferência para um navio de guerra que o levou ao Rio da forma mais secreta possível. D. Vital foi trancado no Arsenal, com sentinela à vista.

Logo que se soube de sua chegada à Capital do Império, as mesmas manifestações de apreço e triunfo se repetiram; centenas de delegações de todos os pontos, milhares de cartas de todo o mundo. D.Vital era um mártir, D.Vital era um herói. A maçonaria, embaraçada, não sabia o que fazer. E então, repentinamente, tudo cessou. As cartas e as visitas bruscamente se interromperam e D.Vital se viu atirado na mais angustiante solidão, na mais cruel provação de sua vida. A razão de tudo fora uma outra carta. Da Europa. De Roma. Do Papa.

"SE ELE NÃO ME TIVESSE AMADO; NÃO TERIA MORRIDO "
(SANTO AFONSO DE LIGÓRIO)



A MISSÃO PENEDO O TERRÍVEL EFEITO DA CARTA QUE NINGUEM LEU

O Representante que o governo brasileiro enviara ao Vaticano para tratar da questão D.Vital era o embaixador do Brasil na Inglaterra, Barão de Penedo. Esse diplomata, servindo-se apenas das notícias veiculadas pelos jornais maçônicos apresentou a Pio IX e a seu secretário de Estado, Cardeal Antonelli, uma versão completamente falseada dos acontecimentos, segundo a qual D.Vital era um moço de "cabeça quente" que agindo de forma orgulhosa e irrefletida estava trazendo sérios prejuízos à Igreja no Brasil. Para evitar maiores escândalos, o embaixador pedia que o Papa ordenasse a D.Vital o levantamento dos interditos às Irmandades. Com isso D.Vital não seria condenado, e tudo voltaria à paz.

Iludido com as palavras do embaixador e querendo salvar D. Vital de uma prisão desonrosa, Pio IX permitiu que o Cardeal Antonelli lhe enviasse uma carta em seu nome. Era essa carta fatídica que D.Vital havia recebido, e que, segundo o que alardeava a maçonaria, era uma censura do Papa à sua ação.

A notícia da carta foi uma ducha de água fria no entusiasmo dos católicos e um triunfo para os maçons que exigiam de D.Vital a revelação de seu conteúdo, pela imediata publicação.

O "homem de espanto" não se abalou. Guardando a carta em seu bolso, sem a mostrar a ninguém, enviou a Roma o seu secretário particular para explicar o caso pessoalmente ao Sumo Pontífice, e pedir as suas instruções. Quando Pio IX soube da verdade, ordenou que a carta fosse imediatamente destruída. E mais tarde enviou a D. Pedro II uma mensagem que lembra as increpações dos profetas:

"(...) Majestade! Rogo-lhe que reflita que devemos todos comparecer diante do Tribunal de Deus, e que quanto mais alto estiver alguém, mais severo há de ser o seu a justez de contas (...). Liberte os bispos, e ponha termo a essa dolosa história. É o que espero do coração generoso de V. Majestade. (...)".

"Liberte os bispos!" Era o brado de Pio IX. Porque nesse intervalo D.Vital já havia sido condenado. No processo mais infame, no julgamento mais iníquo de nossa história, sem que houvesse para isso a menor base jurídica, o Bispo de Olinda fora condenado a quatro anos de prisão com trabalhos forçados.

Houve no Império 163 funcionários públicos que foram levados a julgamento. Havia entre eles comprovados falsários, fraudadores de eleições, corruptos, estelionatários, trapaceiros e usurpadores. Todos, absolutamente todos esses funcionários foram considerados "sem culpa", menos um: o bispo que afirmava ser preciso servir mais a Deus que aos homens. Para esse crime não há atenuantes, nem perdão.

Depois de uma atitude "benigna" do Governo comutando os quatro anos de prisão com trabalhos para quatro anos de prisão simples, D.Vital foi recolhido para cumprir a pena, à fortaleza de S.

João. E esse lugar, destinado à sua humilhação, se transformou em palco de sua glória. As cartas de apoio e incentivo choviam de todo o mundo. Os fiéis vinham em romarias contínuas assistira sua missa, e beijar o seu anel. E os seminaristas de Recife vieram em caravana prostrarem-se nas lares da cadeia para receberem de seu bispo o sacramento de sua ordenação.

Os maçons rugiam e guinchavam aos quatro ventos que D. Vital havia perdido sua autoridade. A resposta, do fundo do cárcere para os fiéis de Recife, foi a mais sublime de suas cartas pastorais:

"(...) Episcopus sum! Somos o vosso bispo: numa ilha solitária... no exílio... na morte... sempre somos o vosso bispo. Episcopus sum!

Há, num cantinho de terra, um homem curvado sob o peso dos séculos (...) Este homem é o (...) Augusto Vigário de Cristo. Só esse glorioso mortal (...) é bastante poderoso para separar-nos de vós (...).

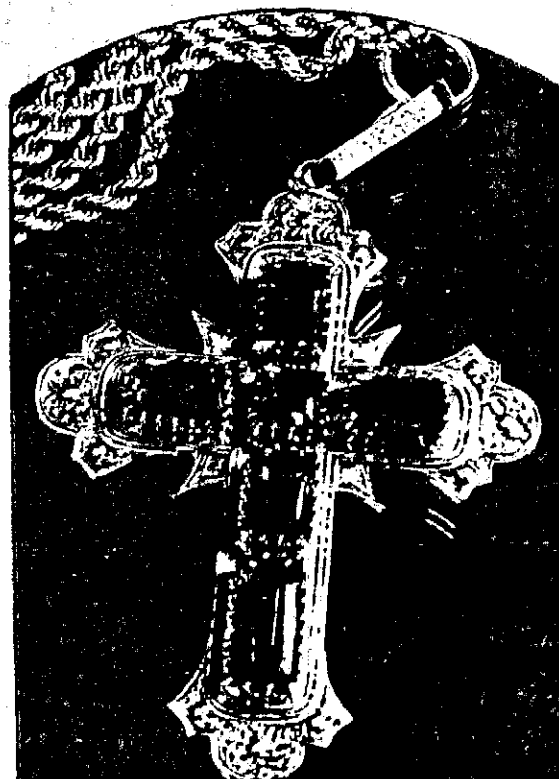
Enquanto porém (...) Pedro não falar pela boca de Pio, seremos o pastor de vossas almas; e em toda a redondeza do globo terráqueo não haverá poder algum (...) que nos iniba de dizer-vos com toda a propriedade e verdade: Somos o vosso Bispo: "Episcopus sum!"

Pobres, coitados, ridículos maçons tupiniquins! Era um homem dessa tempera que eles queriam fazer calar!

CONSUMATUM EST

Depois... Depois haveria ainda muita coisa para contar: a anistia, forçada pela opinião pública... A viagem a Roma para oscular os pés de Pedro nos pés de Pio... a volta triunfal para Recife... O lento definhar de uma saúde precária... E a gloriosa entrada para a Vida, aos 33 anos, até nisso seguindo Nosso Senhor.

Mas fiquemos por aqui, neste sublime "EPISCOPUS SUM!" E peçamos à Nossa Senhora Aparecida que dê novamente a seu amado Brasil, bispos, como Dom Vital: pastores que não sejam aliados dos lobos, guias que não nos atirem no abismo, mestres que não nos ensinem a pecar. Pais que não nos espanquem. Dai-nos, Senhora, novos Dom Vital!



DOM VITAL